

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CINTHIA REAL DE MORAIS

O PRODUTOR RURAL E O MERCADO DE DERIVATIVOS:

Uma análise da utilização de derivativos agropecuários como mecanismo de proteção para o produtor rural

CURITIBA

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CINTHIA REAL DE MORAIS

O PRODUTOR RURAL E O MERCADO DE DERIVATIVOS:

Uma análise da utilização de derivativos agropecuários como mecanismo de proteção para o produtor rural

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Gestão do Agronegócio, do programa de Educação Continuada em Ciências Agrárias, da Universidade Federal do Paraná, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. ANDRÉ DANIEL HAYASHI

CURITIBA

2017

Ao meu esposo e a minha filha, pelo apoio, compreensão e carinho recebidos nestes meses de realização do curso.

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade contextualizar o mercado de derivativos e os desafios e riscos enfrentados pelos produtores rurais brasileiros para o escoamento da produção, bem como desmistificar e demonstrar que o uso de derivativos agropecuários pode ser um grande aliado na busca por melhores resultados e na mitigação de riscos. Para isso, buscou-se através de pesquisa bibliográfica apresentar o panorama do agronegócio no Brasil com sua importância na economia do país, os entraves no momento da comercialização da produção (logística e infraestrutura), as dificuldades inerentes ao negócio (intempéries climáticas e ataque de pragas), o que muitas vezes resulta em perdas para o agricultor. E, diante deste cenário de incertezas, apresentar o mercado de derivativos agropecuários de maneira simples e objetiva, contribuindo com informações para que assim, aqueles que ainda não utilizam dessa ferramenta de proteção, possam encorajar-se a fazê-lo.

Palavras-Chave: Agronegócio; Produção; Comercialização; Riscos; Proteção

ABSTRACT

The purpose of this study is to contextualize the derivatives market and the challenges and risks faced by Brazilian rural producers for the production outflow, as well as demystify and demonstrate that the use of agricultural derivatives can be a great ally in the search for better results and in the Mitigation. In order to do this, we sought to present a panorama of the agribusiness in Brazil with its importance in the economy of the country, the obstacles to the commercialization of production (logistics and infrastructure), the inherent difficulties of the business (climatic intemperies and Pests), which often results in losses to the farmer. And, faced with this scenario of uncertainties, to present the agricultural derivatives market in a simple and objective way, thus contributing information to those who do not yet use this protection tool to be encouraged to do so.

Keywords: Agribusiness; Production; Commercialization; Scratches; Protection

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	07
1.2 OBJETIVOS.....	08
1.2.1 Objetivos Gerais.....	08
1.2.2 Objetivos Específicos.....	08
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
2.1 O CENÁRIO ATUAL DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL.....	09
2.2 O MERCADO DE DERIVATIVOS.....	10
2.3 O PRODUTOR RURAL E O MERCADO DE DERIVATIVOS.....	13
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
4.1 O MERCADO DE DERIVATIVOS E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO.....	16
4.2 O AGRONEGÓCIO NO BRASIL, DESAFIOS E RISCOS ENFRENTADOS ELOS PRODUTORES RURAIS BRASILEIROS PARA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO.....	18
4.3 AS VANTAGENS DE FAZER USO DE DERIVATIVOS COMO MECANISMO DE PROTEÇÃO.....	18

5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 20

REFERÊNCIAS..... 21

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo busca contextualizar resumidamente as principais ideias do presente trabalho, apresentando o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Diante da importância do agronegócio para o Brasil, dada sua participação no Produto Interno Bruto (PIB), 23% em 2016, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017), bem como os gargalos enfrentados pelo agricultor com logística e infraestrutura no país, faz-se necessário buscar formas de produção com proteção.

O produtor rural pode lançar mão de algumas alternativas como o seguro agrícola, que protege das intempéries climáticas e os derivativos, que podem ser utilizados como mecanismo de proteção ou para elevar a rentabilidade, diante de uma competitividade cada vez maior.

Este estudo pretende colaborar com aqueles que ainda não utilizam do mercado de derivativos, para que eles possam avaliar a viabilidade de o fazer.

A agricultura modernizou-se nos últimos tempos e o grande desafio do produtor rural é adaptar-se a esse novo panorama, além é claro de enfrentar as dificuldades inerentes ao agronegócio como as intempéries climáticas, o ataque de pragas e até mesmo as formas de comercialização.

E para enfrentar melhor estas questões, o produtor necessitará estar preparado e ter conhecimento de formas de proteção, e uma delas é o mercado de derivativos.

Segundo Antonio Newton Corrêa da Luz (2009, p. 13), “[...] o uso de Derivativos se torna cada vez mais necessário e é urgente a necessidade de que esse conhecimento invada as porteiras e triunfe sobre os preconceitos.”

É evidente que o pouco conhecimento dos produtores rurais contribui para que muitos destes fiquem longe do mercado de derivativos. Assim, o presente estudo buscará apresentar de forma clara este mercado, contribuindo para um melhor entendimento do setor.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o mercado de derivativos, apresentando informações que possam servir de suporte e incentivo de utilização deste mitigador de riscos para os produtores rurais.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Apresentar o mercado de derivativos, mostrando as diversas possibilidades de utilização;
- b) Contextualizar o agronegócio no Brasil, bem como os desafios e os riscos enfrentados pelos produtores rurais brasileiros para o escoamento da produção;
- c) Demonstrar as vantagens de fazer uso de derivativos como mecanismo de proteção.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é demonstrado o panorama do agronegócio no Brasil e as dificuldades encontradas pelos produtores rurais. Conceitua-se o mercado de derivativos, e por fim, faz-se uma ligação entre o produtor rural e este mercado.

2.1 O CENÁRIO ATUAL DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL

O agronegócio no Brasil tem grande importância para o país, apresentando uma elevada participação no Produto Interno Bruto (PIB), colaborando para o superávit na Balança Comercial, uma vez que grande parte dos produtos exportados tem sua origem na agropecuária, representando segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) (2017), 48% das exportações totais do país em 2016.

E, perante esta relevância, o governo brasileiro possui política agrícola que consiste em, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2017), um conjunto de ações voltadas para o planejamento, o financiamento e seguro da produção.

Através do Plano Agrícola e Pecuário 2016/2017, que compreende o período de 1º de julho de 2016 até 30 de junho de 2017, foram destinados R\$183,8 bilhões de crédito aos produtores rurais brasileiros, sendo R\$149,8 para custeio e comercialização da produção e R\$34 para investimento, com redução de dois pontos percentuais em comparação a safra anterior (MAPA, 2017). Essa diminuição se dá por conta da retração da economia nos últimos anos, o que trouxe reflexos para o agronegócio do país.

Os recursos financeiros disponibilizados pela política agrícola, permitem ao produtor rural brasileiro ter melhores condições para expandir suas atividades e aumentar sua competitividade, tanto pelos ganhos de produtividade como pelo uso de inovações com redução de custos.

Segundo dados do IBGE (2017), houve um aumento na área a ser colhida, na safra de 2017, a área será de 74.948.214 hectares, contra 71.486.827 hectares na safra 2016, sendo a soja o produto principal com 33.924.514ha, seguida do milho com 17.535.405ha e da cana-de-açúcar com 9.354.909ha.

Diante da necessidade de alimentos crescente no mundo, dado o crescimento da população, o Brasil tem espaço para se tornar a maior potência agrícola, principalmente pelo fato de possuir áreas agricultáveis, clima favorável e água disponível.

Em contrapartida, existem dificuldades como a dependência por insumos importados, a falta de armazéns, a precariedade em infraestrutura e logística, a burocracia do comércio internacional, os entraves da legislação ambiental e o despreparo de muitos produtores rurais.

Desta forma, além das dificuldades próprias do agronegócio, o grande desafio do produtor rural brasileiro é fazer escoar sua safra sem perdas, permitindo ter o retorno e ganho esperados com a produção.

Conforme Edelvino Razzolini Filho (2012, p. 24), “[...] os sistemas de transporte são o elo fundamental entre a empresa e seus clientes, devendo funcionar a contento para garantir três utilidades principais: utilidade de tempo, utilidade de espaço e utilidade de uso”.

Entretanto, no Brasil falta investimento em infraestrutura. O país se utiliza principalmente do modal rodoviário, havendo regiões com estradas precárias e de difícil circulação. Segundo a Confederação Nacional do Transporte (CNT) (2017), cerca de 60% do transporte de cargas é feito por rodovias.

Essa precariedade em infraestrutura e logística onera os custos dos produtores e exportadores (custo Brasil), interferindo em todos os elos da cadeia produtiva.

2.2 O MERCADO DE DERIVATIVOS

Para atuar no mercado de derivativos, deve-se entender e conhecer os conceitos e as diversas formas de negociações existentes, desta maneira, busca-se apresentar a seguir este mercado.

Derivativos são títulos ou contratos que se originam de um ativo, podendo ser negociados mercado futuro, o mercado a termo, o mercado de opções e swaps.

Os contratos futuros são acordos de compra e venda com negociação apenas em bolsa, determinando em contrato a quantidade de produto, a data de liquidação e o preço. Por outro lado, o contrato a termo pode ser negociado em bolsa ou em balcão.

A principal diferença entre mercado a termo e mercado futuro é a liquidação dos compromissos, pois no primeiro é somente na data de vencimento e no segundo os compromissos são ajustados diariamente. (TOP DERIVATIVOS..., 2015a)

Os ajustes diários do mercado futuro resultam das oscilações dos preços. Esses ajustes feitos diariamente evitam a ocorrência de inadimplência, além de permitir que os participantes entrem e saiam desse mercado a qualquer momento. (LOCATELLI, 2009).

Os swaps são acordos privados para troca futura de um fluxo de caixa, respeitando uma fórmula preestabelecida entre as partes. São bastante utilizados pelos exportadores para reduzir o risco de diferença no recebimento em outras moedas, protegendo-se das oscilações no câmbio.

As opções são negociações entre duas partes, sendo que uma delas tem o direito de comprar (opção de compra ou *call*) ou direito de vender (opção de venda ou *put*) um ativo, em data e preço preestabelecidos no contrato. (IKEGAWA, 2012).

Os derivativos possuem quatro principais categorias, representadas pelos: derivativos agropecuários, onde os ativos negociados são as commodities agrícolas (café, boi, milho, soja e outros); derivativos financeiros com valor de referência em taxas de juros, índices, taxas de câmbio, títulos da dívida externa; derivativos de energia e climáticos, nos quais são negociados ativos de energia elétrica, gás natural, crédito de carbono, e outros; e derivativos de ações, com ações de empresas listadas na bolsa. (TOP DERIVATIVOS..., 2015b)

A principal função de se utilizar um derivativo é proteger-se das oscilações do mercado, ou seja, uma ferramenta de gestão de risco. É utilizada também como ferramenta para elevação da rentabilidade, para especulação e arbitragem. Neste contexto existe a atuação de três agentes: o hedger, o especulador e o arbitrador, os quais tem papel importantíssimo para o mercado de derivativos. (TOP DERIVATIVOS..., 2015c).

Para Carnelos (2007), o hedger busca proteger-se das oscilações dos preços, enquanto que o especulador está mais disposto a assumir riscos, apostando na alta ou baixa dos preços.

Na obra Top Derivativos... (2015d), arbitrador é aquele que busca o lucro, sem assumir riscos, comprando no mercado com preço baixo e vendendo no mercado com preço alto.

Hedge é um instrumento de proteção dos negócios de maneira a evitar perda pela oscilação dos preços, sendo que o hedge de venda é feito por aqueles que temem uma possível queda no preço da mercadoria que irá vender no futuro, enquanto o hedge de compra permite fixar o valor máximo que se deseja adquirir uma mercadoria no futuro. (MARQUES, MELLO E MARTINES FILHO, 2006a)

Porém, ao utilizar-se de derivativos, existe o risco de base, que segundo Corrêa e Raíces (2005a) “[...] base nada mais é que a diferença do preço futuro de uma commodity, títulos ou câmbio e seu valor à vista, ou seja: base (B) é o preço à vista (PV) menos o preço futuro (PF).” Ou ainda, pode-se dizer que é o custo menos o benefício de manter um hedge até vencer o contrato.

No Brasil, os contratos de derivativos podem ser negociados na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBovespa) via pregão (em bolsa) e balcão, e na Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos (CETIP) apenas via mercado de balcão, sendo que estas são entidades autorreguladoras de mercado.

Em 22 de março deste ano, foi aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) a integração das atividades entre a Bolsa e Cetip, surgindo a B3, criando uma companhia mais completa, para potencializar oportunidades de negócios, frente ao dinamismo e competitividade do mercado.

Entre as principais bolsas de commodities agrícolas estão: a Chicago Board of Trade (CBOT), a mais antiga e com maior liquidez; a New York Board of Trade (NYBOT); as chinesas Dalian Commodity Exchange (DCE) e Zhengzhou Commodity Exchange (ZCE); e a argentina Rosario Futures Exchange (Rofex).

Os contratos negociados em balcão são denominados contratos derivativos não padronizados, enquanto que os negociados na bolsa são denominados contratos derivativos padronizados.

As operações com derivativos, padronizados ou não, podem ser liquidadas de forma física ou financeira. A liquidação física ocorre mediante a entrega física do produto, enquanto que a liquidação financeira é a diferença financeira apurada e liquidada entre as partes, sem entrega física do ativo.

As principais commodities agrícolas negociadas na BM&FBOVESPA são: o açúcar; o boi gordo; o café arábica; o etanol anidro; o etanol hidratado; o milho, o ouro; o petróleo e a soja. (BOLSA DE VALORES, MERCADORIAS E FUTUROS (BM&FBOVESPA), 2017).

As instituições financeiras e os investidores institucionais nacionais são os agentes com maior participação no mercado de derivativos, e a maior parte dos ativos negociados são formados por derivativos indexados à taxa de juros e moedas.

2.3 O PRODUTOR RURAL E O MERCADO DE DERIVATIVOS

O produtor rural está exposto a diversos riscos em sua atividade: risco operacional, no qual inclui as intempéries climáticas, podendo perder parte ou toda produção; risco de crédito, o qual está associado ao fato de não se conseguir recursos para produção; risco de preço, que diz respeito às oscilações de preço dos produtos agrícolas. (SCHOUCHANA E MICELI, 2004a).

Diante destes riscos enfrentados pelo produtor rural, o mercado de derivativos é uma excelente opção de proteção, principalmente quanto ao risco de preço, já que para o risco operacional, existe as opções de seguro agrícola e proagro.

Para Marques, Mello e Martines Filho (2006b) “[...] os mercados de futuros possibilitam a administração e redução dos riscos de preços, permitindo melhor planejamento, diminuição dos custos de transação e aumento na competitividade das cadeias.”

Para Schouchana e Miceli (2004b, p.14) são diversas as razões que levam os envolvidos com o agronegócio a se utilizar do mercado futuro, tais como:

- para saber, com antecedência, se o produto terá preço que garanta a rentabilidade do empreendimento na ocasião de sua venda. Ao vender sua produção, o produtor corre o risco de o preço não ser suficiente para cobrir seus custos e sua margem de rentabilidade. Nesse sentido, a fixação do preço antes do plantio, mediante hedge em bolsa, permite ao agricultor vender seu produto com lucro antes da colheita;
- os exportadores fecham negócios para entrega em meses futuros e não precisam comprar as mercadorias com antecedência, armazená-las e depois embarcá-las. Para não correr o risco da oscilação dos preços, compram a futuro para garantir sua margem e rentabilidade. Os mercados futuros e de opções substituem temporariamente a necessidade de carregar um produto, muitas vezes a um custo mais baixo;
- os compradores querem fixar preço dos insumos para garantir o lucro, por isso fazem o hedge com antecedência, sem correr riscos indesejáveis;
- os produtores usam os contratos futuros e de opções como colateral de garantia de empréstimo junto aos bancos. Estes, por sua vez, ao verificarem que o cliente praticamente não está exposto ao risco de mercado, podem dar-lhe crédito a um custo inferior ao que dariam sem a cobertura (o hedge);
- existem distorções de negócios em que arbitradores têm papel importante. Quando são identificadas, eles compram em um mercado e vendem em outro, até que os dois lados se equilibrem. Essas distorções podem ocorrer entre o preço à vista e futuro, entre dois vencimentos futuros, ou entre duas praças diferentes.

É importante ressaltar que, no que diz respeito ao uso de derivativos no agronegócio, estes não servem apenas para as commodities agrícolas, como vimos anteriormente, o agricultor pode negociar de diversas formas, até mesmo vender créditos de carbono. Porém, a falta de informação e de conhecimento, acompanhados do medo de arriscar, afastam o produtor rural das negociações no mercado de derivativos.

Esse medo de arriscar de muitos produtores pode estar associado a acontecimentos ocorridos, envolvendo o uso de derivativos, colaborando para a crise financeira de 2008, no caso da quebra do Lehman Brothers nos Estados Unidos, por causa das hipotecas subprime e os casos de prejuízo de bilhões de reais da Aracruz e Sadia no Brasil, as quais não faziam derivativos como proteção das oscilações de câmbio, mas sim para especulação. (CORRÊA E RAÍCES, 2005b).

Desta forma, o produtor rural precisa estar ciente dos riscos e conhecer bem seu negócio, atuando preferencialmente como *hedger*, evitando envolver os recursos da empresa em posições especulativas.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo adotou a metodologia de pesquisa bibliográfica, a partir de livros, revistas e trabalhos acadêmicos e *sites* oficiais como o Ministério da Agricultura (MAPA).

Primeiramente, apresenta-se o cenário atual do agronegócio no Brasil, explanando as características do setor e como está o processo de comercialização da produção e os riscos inerentes ao agronegócio. Em seguida, conceitua-se o mercado de derivativos, trazendo informações a respeito deste tipo de negociação. E por fim, busca-se demonstrar ao produtor rural a relevância e importância de conhecer o mercado de derivativos, de maneira que possa servir de apoio para aqueles que ainda não se utilizam deste mecanismo de mitigação de risco.

Para isto, a coleta de dados e informações apresentadas foram retiradas de fontes primárias e secundárias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo dedica-se a demonstrar as possibilidades de utilização do mercado de derivativos, com alguns exemplos, além de abordar os riscos e desafios enfrentados pelo produtor brasileiro e as vantagens de fazer uso dos derivativos como mitigado de riscos.

4.1 O MERCADO DE DERIVATIVOS E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO

Os derivativos são títulos ou contratos que se originam de um ativo, podendo ser negociados em vários mercados como o mercado futuro, o mercado a termo, o mercado de opções e swaps, e que possuem quatro principais categorias, representadas pelos: derivativos agropecuários; derivativos financeiros; derivativos de energia e climáticos; e derivativos de ações.

Como existem diversas formas de atuar no mercado de derivativos, abordaremos algumas para que o produtor rural possa avaliar.

Uma possibilidade de utilização é o hedge de venda, demonstrado no exemplo a seguir:

Supondo que o produtor de milho perceba a tendência de queda do preço de sua commodity, ao observar a evolução dos preços à vista na BM&FBOVESPA, viu que em 10/05 o milho estava cotado a R\$28,15 a saca de 60kg e agora em 26/05 a R\$27,23; e para se proteger faz um hedge de venda de 30 contratos padrão de 450 sacas por contrato em 26/05. Assim ficaria:

- Valor da Receita Esperada = $450 \times 30 \times R\$27,23 = R\$367.605,00$

Considerando que o preço do milho mantenha a queda, chegando ao final do contrato cotado a R\$21,00, o produtor teria:

- Valor da venda do produto físico = $450 \times 30 \times R\$21,00 = R\$283.500,00$

- Diferença = $R\$367.605,00 - R\$283.500,00 = R\$84.105,00$

Com isso, percebe-se que o *hedge* permitiu ao produtor manter-se protegido das oscilações no preço da commodity.

Desta maneira, o valor perdido na venda de seu produto no mercado físico é recuperado com a operação de hedge.

Outra forma de atuar no mercado de derivativos é através da opção de compra ou call e da opção de venda ou put. Aquele que compra a opção detém o direito de comprar (opção de compra) ou de vender (opção de venda) a commodity ao preço do exercício.

Agora suponha que o mesmo produtor de milho participe do mercado de opções sobre futuro – venda e faça um contrato da série UKNQ U17P002950, na qual o valor do prêmio é de R\$3,02 por saca, em 26/05/2017. Da mesma forma que no exemplo anterior, se o preço do milho baixar para R\$21,00, o produtor desejará exercer seu direito de vender o milho por R\$27,23, tendo um lucro parcial de R\$6,23. Descontando o valor do prêmio, o resultado com a operação é de R\$3,21, protegendo o produtor da queda do preço da commodity no mercado à vista.

Também é possível utilizar-se do swap, o qual funciona como um hedge, sendo muito utilizado por exportadores para se proteger das variações cambiais. Conheça os indexadores disponíveis:

TABELA 1 - INDEXADORES DISPONÍVEIS PARA OPERAÇÕES DE SWAP

Índices de inflação	Índices de ações	Taxas de juro	Taxas de câmbio
IGP-M	Ibovespa	CDI	Dólar
IPCA	IBrX	Pré Selic TJLP TR	Euro Iene

Fonte: BM&FBOVESPA

Agora se uma empresa ou agricultor possuem uma dívida em dólar no valor de US\$300.000,00, com vencimento em um ano e supondo que estes fechem um contrato de swap em 26/05/2017, buscando proteção da alta do dólar, com esta moeda cotada neste dia a R\$3,26, somando a dívida nesta data a quantia de R\$978.000,00.

Será preciso então, contatar as instituições financeiras e cotar propostas de swap de dólar por taxas de juros pré, escolhendo aquela com a menor taxa pré, por exemplo, de 15%. Imagine que o dólar subiu 20% no dia do vencimento da dívida, ficando assim:

$$\text{- Variação dólar} = 978.000,00 \times (1,20) = 1.173.600,00$$

- Variação tx pré = $978.000,00 \times (1,15) = 1.124.700,00$
- Valor do Swap = $1.173.600,00 - 1.124.700,00 = 48.900,00$

Assim, o agricultor ou a empresa receberá o valor de R\$48.900,00 do banco, ficando a dívida travada em R\$1.124.700,00.

O uso de derivativos apresentado nos exemplos permite avaliar que esta prática colabora para que o produtor rural tenha maior proteção em suas negociações.

Desta forma, entender o mercado de derivativos possibilita aos agentes do agronegócio terem uma maior rentabilidade.

4.2 O AGRONEGÓCIO NO BRASIL, DESAFIOS E RISCOS ENFRENTADOS PELOS PRODUTORES RURAIS BRASILEIROS PARA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

No Brasil, fazer negócio é um desafio, e para o agronegócio não é diferente. O produtor rural brasileiro enfrenta, além dos riscos inerentes ao agronegócio, os riscos oriundos em sua grande maioria da falta de infraestrutura no país, que resulta em desperdício e perdas para o agricultor.

Sem um sistema de transporte eficiente e sem a quantidade adequada de armazéns, o produtor rural brasileiro acaba perdendo parte de sua produção e com isso acumulando prejuízos. É comum na época de colheita, os portos ficarem com filas quilométricas de caminhões para descarregar os grãos.

O agronegócio é o principal produtor de riqueza no Brasil, com potencial para expandir ainda mais, já que o país possui uma enorme área agricultável ainda não explorada. No entanto, há necessidade de mais investimento no setor, para que os produtores tenham mais acesso à tecnologia e maior capacitação de jovens para que estes não abandonem o campo, permitindo que haja menos amadorismo e mais profissionalismo, principalmente antes da porteira.

4.3 AS VANTAGENS DE FAZER USO DE DERIVATIVOS COMO MECANISMO DE PROTEÇÃO

O produtor rural que opta em fazer uso de derivativos como mecanismo de proteção tem como principal vantagem a fixação do preço da commodity, permitindo que sofra menos impacto das oscilações do mercado.

Diante de um cenário cada vez mais competitivo e instável, aqueles que estiverem preparados e protegidos de eventuais perdas poderão obter vantagens, administrando seus ativos e passivos de forma mais segura, sem ser pego de surpresa, tendo um menor impacto em seu fluxo de caixa.

Desta forma, pode-se dizer que o uso de derivativos no agronegócio traz como principais vantagens proteger contra as alterações nos preços, assegurar o preço mínimo de venda e o máximo de compra, aumentar a rentabilidade, diminuir os custos, permitir administrar a comercialização e minimizar os riscos.

É preciso que o produtor rural esteja sempre informado e possa fazer uso de mercado de derivativos, pois assim se beneficiará da proteção oferecida por este. Na bolsa existe a exigência de garantias e as câmaras de compensação (clearing houses), que trazem mais segurança às negociações.

Para aqueles que desejam sobreviver ao dinamismo e à competitividade dos negócios, deverão tomar conhecimento do uso de derivativos e fazer destes uma ferramenta de gestão de risco.

5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, sem pretensão de esgotar o tema, demonstrou-se a importância e a relevância do uso de derivativos pelos produtores rurais, com os quais podem ser fixados os preços das commodities, diminuindo o risco de perdas financeiras e conseqüentemente aumentando a rentabilidade.

Apresentou-se o mercado de derivativos e seus diversos contratos, dando uma visão geral de como são negociados estes contratos e exemplificando algumas operações como hedge, opções de compra e opções de venda, swap, para que o agricultor tenha conhecimento das diversas formas de operar na bolsa. Contudo, por tratar-se de tema de vasto conteúdo, não foi possível agrupar um elevado volume de informações nas restritas 20 páginas deste estudo. Desta forma, sugere-se para os futuros estudos, apresentar um levantamento dos setores que fazem uso dos derivativos.

Contextualizou-se o agronegócio no Brasil, com seu grande potencial de crescimento e sua importância para o país, porém com seus gargalos na infraestrutura, o que impacta diretamente nas decisões e resultados do produtor rural.

Demonstrou-se assim que fazer uso de derivativos traz vantagens aos agentes envolvidos no agronegócio. Tanto para os produtores, quanto para os exportadores, lançar mão dos derivativos é uma forma de se precaver de eventuais baixas ou altas dos preços das commodities.

Através dos exemplos apresentados, pode-se perceber nas operações realizadas, que os derivativos trouxeram proteção financeira, assegurando rentabilidade e minimizando riscos, permitindo que as oscilações no preço da commodity ou no valor de uma dívida em dólar, não impactassem os fluxos de caixa.

REFERÊNCIAS

Bm&fbovespa, Comissão de Valores Mobiliários. **Top Derivativos – Mercado de Derivativos no Brasil: Conceitos, Produtos e Operações**. 1ª edição. 118p. Rio de Janeiro, 2015.

Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros. **Produtos**. Disponível em:<http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/produtos>. Acesso em: 01/05/2017.

CARNELOS, M. R. **Derivativos de crédito, aplicação para o mercado brasileiro**. 2007. 99p. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

Central de custódia e de liquidação financeira de títulos – cetip. Cade aprova combinação de atividades entre a Bolsa e a Cetip. Disponível em <<https://www.cetip.com.br/Noticias/Cade-aprova-combinacao-de-atividades-entre-a-bolsa-e-a-cetip>>. Acesso em: 21/05/2017.

Confederação da agricultura e pecuária do Brasil. Central de Comunicação CNA. Disponível em <<http://www.cnabrasil.org.br/noticias/agropecuaria-supera-obstaculos-e-segue-liderando-economia-brasileira-em-2016>>. Acesso em: 08 set. 2017.

Confederação nacional do transporte. Modal Rodoviário. Disponível em <<http://www.cnt.org.br/Modal/modal-rodoviario-cnt>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

CORRÊA, A. L. & RAÍCES, C. **Derivativos Agrícolas**. 346p. 1ª ed. Editora Globo. São Paulo, 2005. 10 Minutos sobre o agronegócio no Brasil. 10Minutos – PwC. Disponível em <<https://www.pwc.com.br/assets>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

IKEGAWA, M. M. **Utilização de derivativos em empresas não-financeiras de capital aberto no Brasil nos diversos setores econômicos**. 2012. 62p. Dissertação (Mestre em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Disponível em:<

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/lspa_201704_4.shtm>. Acesso em: 15 mai. 2017.

LOCATELLI, J. **Mercados Futuros no Agronegócio**. 2009. 61p. Monografia (Especialista em Finanças) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LUZ, A. N. C. **O resultado do uso de derivativos agropecuários na gestão do risco de preço: o caso do milho e da soja no Brasil nas últimas quatro safras**. 2009. 116p. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARQUES, P. V.; P. C. DE MELLO & J. G. MARTINES FILHO. **Mercados Futuros e de Opções Agropecuárias. Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP**. Série Didática nº D-129. 334p. Piracicaba, S.P.,2006.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Agrícola e Pecuário 2016/2017** – MAPA. Disponível em:<www.agricultura.gov.br/pap>. Acesso em: 23/01/2017.

RAZZOLINI FILHO, EDELVINO. **Transportes e modais: com suporte de TI e SI**. 1ª Edição. 317p. Editora Intersaberes. Curitiba, 2012.

SCHOUCHANA, F.; MICELI, W. M. **Introdução aos mercados futuros e opções agropecuários no Brasil**. 3 ed. rev. atual. 94p. São Paulo: Bolsa de Mercadorias & Futuros, 2004.